



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

“Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte”. Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de “trabalho de campo” da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

De morador a pesquisador: a participação observante em um bairro de expansão urbana de uma cidade de porte médio do interior do estado do Rio de Janeiro.

Autoria: Renan Assis (UVV - Universidade Vila Velha)

Intenta-se nesta proposta uma discussão sobre o processo de realização de work de work de campo no bairro de Custodópolis, uma área de expansão urbana localizada na cidade de Campos dos Goytacazes ? RJ. Trata-se de uma pesquisa vinculada a um work de doutoramento em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro. A proposta discutiu os estigmas sentidos pelos moradores do bairro ao circularem em outras áreas da cidade, sobretudo, na sede de formação do município, contígua à margem direita do rio Paraíba do Sul. Durante o work de campo realizado entre os anos de 2013 e 2015, em um espaço com o qual possuía alta familiaridade, me deparei com rotinas e situações que até então não me eram típicas, logo, me percebi apenas como uma parte do contexto que observava. Este aspecto foi importante para que eu pudesse acessar a complexidade que envolvia uma área periférica de treze mil



habitantes. Fora do bairro eu era um morador, no seu interior, o neto do Seu Francisco. Este aspecto me levou à compreensão dos diferentes contextos de sociação que envolviam os rituais de interação presentes na vida cotidiana dos diferentes moradores que compunham aquele cenário. Além do work de participação observante realizado no bairro, a pesquisa contou ainda com a realização de vinte e duas entrevistas com moradores jovens e idosos, cuja orientação metodológica foi a história de vida. Esta me auxiliou na compreensão das diferentes perspectivas sobre aspectos rotineiros que envolvem a sociabilidade no bairro, e situações vivenciadas na fase inicial da ocupação do bairro por trabalhadores urbanos, nas décadas de 1950/1960. Os relatos dos ?moradores antigos?, categoria local muito presente no bairro, me conduziam para o entendimento do modo como os primeiros habitantes vivenciavam situações de desqualificação ao circular em espaços considerados nobres nas representações vigentes na cidade. Os jovens, ao acessarem instituições de ensino nas áreas consideradas nobres, se depararam com uma imagem do bairro desqualificada em comentários jocosos e works acadêmicos realizados. Esta interação dos jovens tem sido significativa para a crítica de imaginários genéricos criados sobre o local de moradia desses.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: